

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

URI ZOHAR — INVENTOR DO MODERNO CINEMA ISRAELITA

14 de Outubro de 2023

### LOOL / 1988 “Galinheiro”

um filme de Uri Zohar

*Realização:* Boaz Davidson, Uri Zohar *Argumento:* Arik Einstein, Tzvi Shissel, Uri Zohar *Fotografia:* Adam Greenberg, David Gurfinkel *Som (mistura):* Eli Yarkoni *Montagem:* David Tour *Interpretação:* Arik Einstein, Zvi Shissel, Dori Ben-Ze'Ev, Rri Gross, Shalom Hanoch, Mishe Ish-Kassit, Talia Shapira, Tzvi Shissel, Uri Zohar,

*Produção:* (Israel, 1988) *Produtores:* Doron Eran, Tzvi Shissel, Michael Tapuah *Cópia:* Cinemateca de Israel, 35 mm, preto-e-branco, versão original em hebraico e legendada em hebraico nas falas ocasionais em outras línguas e legendada electronicamente em português, 89 minutos *Primeira apresentação pública:* 1988, em Israel *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Sessão apresentada por Ariel Schweitzer

#### NOTA

*Lool*, aqui traduzido por “Galinheiro”, tem o sentido do sinónimo “Geral” aplicado a salas de espectáculos. Caiu um pouco em desuso, mas é, lembre-se, o termo coloquial para o recinto situado geralmente por cima da última fila de camarotes, onde os lugares não são marcados e os preços são mais baratos. Trata-se da versão para cinema de uma conhecida série realizada para a televisão israelita entre 1969 e 1972 “que propunha uma mistura de episódios delirantes e clássicos da canção israelita”, igualmente descrita como “um filme culto que é simultaneamente o retrato de uma sociedade israelita alegre e (demasiado) descontraída antes da guerra de Yom Kippur”.

Esta sessão foi preparada com base numa projecção de trabalho da cópia 35 mm, integralmente visionada na sua versão original, não legendada, no desconhecimento directo da obra cinematográfica de Uri Zohar e antes do início da retrospectiva. Na impossibilidade de aceder em tempo útil a uma tradução dos diálogos numa língua acessível a uma não falante de hebraico, optou-se por distribuir esta “folha” com uma tradução de excertos de textos de Ariel Schweitzer dedicados ao cinema de Uri Zohar no contexto panorâmico da *Nova Sensibilidade*. MJM

---

A Nova Sensibilidade nunca se definiu como uma escola ou um grupo constituído formalmente: não organizava reuniões e não publicava manifestos estéticos. Foram os críticos, em meados dos anos 1960, que anunciaram o surgimento de uma “Nova vaga israelita” tentando encontrar pontos comuns entre os filmes então realizados em Israel por uma nova geração de cineastas e os filmes da Nova Vaga francesa. Nos anos 1980, Yehouda Néeman propôs substituir a designação “Nova vaga israelita” pela designação Nova Sensibilidade a fim de sublinhar a originalidade deste movimento local. Ainda que a Nova Sensibilidade não fosse uma família constituída, podemos encontrar nela elementos característicos de um “grupo”: os assuntos tratados e o estilo dos filmes. A origem social dos seus autores e o próprio facto da sua entreatura mútua. A maioria dos cineastas da Nova Sensibilidade nascem em Israel em finais dos anos 1930 e têm entre 25 e 30 anos quando realizam o seu primeiro filme, em meados dos anos 1960. Esta nova geração de cineastas diferencia-se daquela que a precedeu, em grande medida, pela sua origem social. A geração dos anos 1940 e 50 era constituída por cineastas maioritariamente nascidos na Europa central e oriental, que haviam emigrado para Israel, levados pelos seus ideais sionistas. Lançaram as bases de uma indústria cinematográfica local ao serviço da ideologia e das instituições sionistas. A geração seguinte cresceu numa atmosfera ligeiramente diferente: é uma geração que assiste à abertura do país às influências ocidentais e ao abandono progressivo dos valores sionistas-socialistas no final dos anos 1950. A maioria destes jovens cineastas vem de famílias da burguesia abastada, urbana, bem estabelecida em Israel desde os anos 1960.

excerto de Ariel Schweitzer, *Le Cinema israélien de la modernité*, L’Harmattan, 1997

citado em *dossier* de imprensa da retrospectiva em França Uri Zohar, *3 regards le cinéaste israélien des sixties*

Nascido no dia 4 de Novembro de 1935, Uri Zohar é uma das figuras maiores da cultura israelita da segunda metade do século XX. Actor e cineasta, Zohar é o cabecilha da Nova Sensibilidade, uma corrente do cinema de autor amplamente influenciada pelo cinema moderno europeu, designadamente pela Nova Vaga francesa, que predomina na paisagem cinematográfica israelita dos anos 1960-70. Zohar inicia a sua carreira como actor numa trupe de recreação do exército na qual conhece o cantor-actor Arik Einstein, que será um dos seus mais próximos e fiéis colaboradores. No final do seu serviço militar encontra-se entre os fundadores da companhia “Batza! Yarok” (a cebola verde), uma trupe satírica de *cabaret* baseada em Telavive com grande êxito popular no início dos anos 1960. Zohar começa a sua carreira cinematográfica como actor em filmes como *Pillar of Fire* de Larry Frisch (1959) e *Brenner der Sand* de Raffi Nussbaum (1960). Participa também como actor num pequeno papel de *Exodus* de Otto Preminger (1960).

Nessa época, o cinema israelita é marcado por uma dimensão ideológica muito forte. Designado “cinema sionista” (numa alusão ao cinema soviético), tal corrente glorifica e valoriza o sistema de valores “sionista-socialista” então em vigor, abordando temas como a integração dos imigrantes, a aprendizagem do hebraico, a construção das novas cidades no deserto, o modo de vida colectivo no *kibutz*. [...] A Nova Sensibilidade marca uma ruptura com o cinema de cariz propagandístico. O primeiro filme deste movimento estreia em 1965, “*Um Buraco na Lua*” de Uri Zohar que, pela sua modernidade radical, gera uma onda de choque (um efeito de choque) no meio do cinema israelita.

[...] A sua obra lança em primeiro lugar a questão dos limites, seja na prática artística ou na vida familiar e sexual. Caracterizada por uma energia transbordante, um desejo sexual desenfreado e uma vitalidade ímpar, as suas personagens, incapazes de se imporem limites, soçobram na decadência e perdem o domínio da sua própria existência. O cinema de Zohar constitui assim uma forma de exorcismo de um mal-estar, que é também, em certa medida, o da sociedade israelita da sua época.

excertos de Ariel Schweitzer, *Qui êtes-vous Uri Zohar ?*  
texto de uma conferência na Cinemateca Francesa